



PAULO, APÓSTOLO
POR VOCAÇÃO



Pe. José Bortolini



Paulo, apóstolo por vocação

Ano Paulino

Introdução

Em suas cartas (incluindo as deuteropaulinas), Paulo usa 31 vezes o título “apóstolo(s)”, nem sempre referido à sua pessoa. A palavra “apostolado” (ou algo similar) aparece 4 vezes (Rm 1,5; 1Cor 9,2; 2Cor 12,12; Gl 2,18). A expressão “apóstolo por vocação” (ou “chamado para ser apóstolo”) se encontra no início das mais importantes cartas. Rm 1,1: “Paulo, servo de Jesus Cristo, *chamado para ser apóstolo* e escolhido para anunciar o Evangelho de Deus...”; 1Cor 1,1: “Paulo, *apóstolo* de Jesus Cristo por vontade e *chamado* de Deus...”.

Em outras cartas importantes, ele se apresenta como apóstolo “pela vontade de Deus”. 2Cor 1,1: “Paulo, *apóstolo* de Jesus Cristo pela *vontade* de Deus...”; Gl 1,1: “Paulo, *apóstolo* não da parte dos homens, nem por meio de um homem, mas *da parte de Jesus Cristo e de Deus Pai*, que o ressuscitou dos mortos...”; Ef 1,1: “Paulo, *apóstolo* de Jesus Cristo pela *vontade* de Deus...”; Cl 1,1: “Paulo, *apóstolo* de Jesus Cristo pela *vontade* de Deus...”. As duas expressões – “chamado a ser apóstolo” e “apóstolo pela vontade” – se correspondem e chegam à mesma conclusão: Paulo não se fez apóstolo, foi feito. E isso por um desígnio misterioso – desde o seio materno (Gl 1,15) – de modo que sua vocação apostólica se mistura com o mistério de Deus.

Este breve texto deseja ser um ponto de partida para a reflexão e a caminhada vocacional. Usaremos ao mesmo tempo os Atos dos Apóstolos e as cartas de Paulo.

1. Chamado a ser apóstolo

As 3 narrativas de Atos (9,1-19; 22,1-17; 26,12-18) conhecidas como relatos da “conversão” de Saulo/Paulo são na verdade textos de vocação. A Bíblia de Jerusalém intitula “vocação de Saulo” o primeiro relato (9,1-19) e com razão. Do ponto de vista literário, esses três modos de narrar a mesma cena estão construídos a partir do esquema clássico de vocação. Como funciona esse esquema? Tem basicamente 4 elementos:

1. A pessoa que Deus quer chamar tem de repente uma visão transcendente – algo de misterioso ou divino que aparece.
2. A pessoa se sente arrasada, cai no chão, às vezes apresenta desculpas, objeções, não quer aceitar etc.
3. A voz, anjo ou ser transcendente levanta a pessoa, às vezes encoraja-a.
4. A pessoa é confirmada na missão para a qual foi chamada.

A vocação das grandes personagens do Antigo e do Novo Testamento é descrita a partir desse molde básico. Você pode conferir, por exemplo, a vocação de Moisés (Ex 3,1-15), Isaías (Is 6), Jeremias (Jr 1,4-10), Ezequiel (Ez 1-3), Daniel (Dn 10), Maria (Lc 1,26-38), o autor do Apocalipse (Ap 1,9-20) e Paulo.

Em At 9,1-19 estão presentes os 4 elementos.

1. *Aparição transcendente*: “Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, Saulo se viu repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu... e ouviu uma voz...” (vv. 3.4a).
2. *Reação de fraqueza*: “Caiu por terra... Quem és tu, Senhor?” (vv. 4a.5a).
3. *Ordem de se levantar/encorajamento*: “Agora, levante-se, entre na cidade, e aí dirão o que você deve fazer... Saulo se levantou do chão e abriu os olhos, mas não conseguia ver nada. Então o pegaram pela mão e o levaram para Damasco” (vv. 6.8).
4. *Confirmação na missão*: “O Senhor disse a Ananias: ‘Vá, porque esse homem é um instrumento que eu escolhi para anunciar o meu nome aos pagãos, aos reis e ao povo de Israel’” (v. 15).

Notemos o detalhe do último elemento: Saulo/Paulo é instrumento escolhido para levar o nome de Jesus a todos: *pagãos, reis e povo de Israel*. Assim se explica por que Lucas registra três vezes o episódio da vocação de Saulo/Paulo. O primeiro (cap. 9) está encaixado entre dois episódios de *pagãos* vocacionados: um africano (o eunuco etíope – 8,26-40) e um oficial romano (Cornélio – cap. 10). É o campo de ação de Paulo, apóstolo dos pagãos. O segundo (22,1-21) é pronunciamento de Paulo diante das autoridades que representam o *povo de Israel*. E no fim, explica-se por que Paulo se dedicou aos não-judeus (22,21). O terceiro (26,12-18) mostra Paulo falando na presença do *rei* Agripa II. As divergências entre as três narrativas não têm muita importância.

2. Separado desde o seio materno... sentindo as dores do parto

Na carta aos Gálatas, Paulo afirma que Deus o escolheu para a missão entre os pagãos desde o seio materno (1,15a): “Deus, porém, me escolheu antes de eu nascer e me *chamou* por sua graça”. “Escolher”, em grego, se diz *aforizo*, e tem o sentido de “separar”, “pôr de lado”. Como em Português, o verbo grego *kaléo* (= chamar) dá origem a “chamado”, “vocado/vocação” (*kletós*), palavra que Paulo usa em Rm 1,1: “*chamado para ser apóstolo*” (cf. 1Cor 1,1). Na carta aos Gálatas Paulo não deixa dúvidas. Como Jeremias, foi separado desde o seio materno (Jr 1,5) e vocacionado não por méritos próprios, mas por pura graça de Deus. “Após-tolo” significa “aquele que é enviado”, e os destinatários do apostolado de Paulo são bem definidos: “... ele resol-veu revelar em mim o seu Filho para que eu o anunciasse entre os *pagãos*...” (Gl 1,15b-16a). Para aprofundar mais esses aspectos, vamos conhecer algo a respeito da carta aos Gálatas.

Não se sabe exatamente quando Paulo fundou as comunidades gálatas nem se elas se situavam na Galácia Superior ou Inferior. A data da carta também é incerta. Costuma-se situá-la por volta dos anos 54/55, escrita na cidade de Éfeso. Sabe-se que os povos gálatas eram compostos de migrantes e, no tempo de Paulo, etnias dominadas pelo império romano. Eram todos pagãos. Os escravos gálatas eram muito apreciados nos mercados de escravos do império.

Paulo se deteve na Galácia por causa de uma doença (4,13). Foi seu primeiro contato com esses povos, de onde nasceram comunidades cristãs. Sendo não-judeus e escravos, receberam com grande entusiasmo o anúncio de Jesus Cristo, morto, ressuscitado e libertador, que Paulo chamará na carta de “Evangelho”. Sentiram-se livres e libertados pelo Senhor Jesus (5,1), formando comunidades de iguais (3,28). Para Paulo, a fundação dessas comunidades foi um parto difícil (4,19), mas bem-sucedido, pois os gálatas aderiram com alegria, recebendo o Espírito (3,3), fazendo experiências profundas (3,4).

Depois que Paulo partiu, chegaram a essas comunidades cristãos de origem judaica – tradicionalmente chamados de judaizantes – que enfeitiçaram os gálatas (3,1). O que diziam? Diziam que os cristãos gálatas – que eram não-judeus – deviam se submeter à circuncisão para serem de fato cristãos. Com isso, todo o “Evangelho” de Paulo ia por água abaixo, pois a circuncisão era a porta de entrada para a prática da Lei de Moisés como condição para ser salvo. Era a anulação total de Jesus Cristo, de sua ação salvadora.

Paulo é informado disso, sente novamente as dores do par-to (4,19), fica furioso e escreve uma carta severa, sem a costumeira ação de graças, chamando os gálatas de insensatos enfeitiçados (3,1), que começaram com o Espírito, caíram fora dos trilhos (5,4) e acabaram no-va-mente na carne (3,3). Em pouco tempo, abandonaram Jesus Cristo, que gratuitamente os chamou (1,6). Roga pragas contra os que defendem a circuncisão (5,12), desmascarando-os em suas intenções (6,12-13).

Paulo se apresenta com o título de “apóstolo” e se mostra logo polêmico. Sabe-se que, em Jerusalém, um grupo de cristãos conservadores considerava apóstolos somente os que haviam estado com Jesus de Nazaré. Paulo não estava entre os Doze, mas se considera plenamente apóstolo, e explica: “não por iniciativa humana, nem por intermédio de nenhum homem, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai que o ressuscitou dos mortos” (1,1). O grupo conservador defendia a idéia que somente os Doze podiam fundar comunidades e ser por elas sustentados (cf. 1Cor 9). Paulo tem tanto apreço por esse título que quase ignora os irmãos que estão com ele (Gl 1,2). Ele usa esse título nas cartas em que há polêmica em torno desse tema (Gl 1,1-2Cor), ou quando pretende dar ênfase à sua mensagem (Rm).

E vai logo ao assunto, demonstrando perplexidade pelo fato de as comunidades gálatas terem abandonado o Evangelho pregado por Paulo e aderido à pregação dos judaizantes, aceitando a circuncisão e a conseqüente prática da Lei de Moisés como condição para serem salvas. E lança maldições (excomunhão) a quem anunciar outro evangelho, que não existe, mesmo que seu anunciador seja um anjo (1,6-9).

Se Paulo tivesse defendido a circuncisão não passaria pelas tribulações que sofreu e está sofrendo, pois estaria agradando às pessoas e furtando-se ao enfrentamento com os judeus-cristãos. Estaria a serviço da circuncisão, mas deixaria de ser servo de Cristo (1,10).

3. Devedor de todos

“Estou em dívida com gregos e bárbaros, com sábios e ignorantes” (Rm 1,14). Por não ter sido iniciativa própria anunciar Jesus Cristo, mas resultado de uma vontade superior que fez a escolha e o chamado, Paulo se sente devedor de todos. Escreve isso por volta do ano 56, uns dez anos após ter iniciado suas andanças como apóstolo dos pagãos pela Ásia e Europa. Escreve aos Romanos porque tem intenção de pagar as dívidas com os pagãos da Espanha – uma nova fronteira de evangelização (15,22-29).

Quando exerce o apostolado entre os pagãos ele se sente sacerdote. A oferta que apresenta a Deus são os pagãos que abraçam a fé, oferta que o Espírito Santo santifica: “Sou ministro de Jesus Cristo entre os pagãos, e a minha função sagrada é anunciar o Evangelho de Deus, a fim de que os pagãos se tornem oferta aceita e santificada pelo Espírito Santo” (15,16).

Cumprindo uma vontade superior sem discuti-la, Paulo assume a condição de servo/servidor do Evangelho. Considera-se servo de Jesus Cristo (Gl 1,10), e por causa disso enfrenta perseguições (5,11; 6,17). Como servo de Cristo, está disposto a entregar a própria vida a seu dono (Fl 1,23), mas entende que é mais útil dar a vida a Cristo gastando-a pelos outros (2Cor 12,15; Fl 1,25-26). Por essa razão Paulo se esforça para fazer-se servo de todos, fazer-se tudo para todos: “Embora eu seja livre em relação a todos, tornei-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível... tornei-me tudo para todos, a fim de ganhar alguns a qualquer custo” (1Cor 9,19.22b).

O servo procura em tudo fazer a vontade do seu senhor. Assim é com Paulo. O servo não era remunerado, e assim Paulo pensa e age. Invoca sobre si uma maldição se não cumprir a vontade do seu Senhor: “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho! Se eu o anunciasse de própria iniciativa, teria direito a um salário; no entanto, já que o faço por obrigação, desempenho um cargo que me foi confiado. Qual é então o meu salário? É que, pregando o Evangelho, eu o prego gratuitamente, sem usar dos direitos que a pregação do Evangelho me confere” (1Cor 9,16-18).

4. Abre mão de seus direitos

Nos evangelhos, Jesus disse que o trabalhador tem direito a seu salário (cf. Mt 10,10; Lc 10,7), ou seja, o apóstolo deve ser sustentado pela comunidade. Desde a primeira carta que escreveu, Paulo mostra-se um apóstolo que abre mão de seus direitos para não ser pesado economicamente. Isso lhe dá a oportunidade de revelar um rosto próprio, isto é, deixa de lado o aspecto da auto-ridade que se impõe pelo poder, e assume o papel de mãe e de pai para a comunidade: “...nem estávamos à procura de elogio dos homens, seja de vocês, seja de outros, embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos recorrer à nossa autoridade. Ao contrário, tratamos vocês com bondade, qual mãe aquecendo os filhos que ama-menta. Queríamos tanto bem a vocês, que está-vamos prontos a dar-lhes não somente o Evangelho de Deus,-

mas até a nossa própria vida, de tanto que gostá-vamos de vocês. Vocês sabem muito bem que tratamos a cada um de vocês como um pai trata os seus filhos. Nós exortamos, encorajamos e admoestamos vocês a viverem de modo digno de Deus, que os chama para o seu Reino e glória” (1Ts 2,6-8.11-12).

O texto mais significativo nesse aspecto do apóstolo que abre mão de seus direitos é 1Cor 9. Em Corinto Paulo sofreu dura oposição por parte de alguns cristãos. Sua atitude corajosa de trabalhar com as próprias mãos – trabalho de escravo – aliada ao fato de não aceitar contribuição alguma dos coríntios custaram-lhe não poucas dores de cabeça. Alguns chegaram ao ponto de afirmar que a coleta para ajudar os pobres de Jerusalém era um modo de ele ressarcir os gastos tidos com as comunidades coríntias (2Cor 12,16ss). Vendo-o trabalhar pesado para ganhar o pão, alguns duvidavam que ele fosse livre e apóstolo, pois pelo que tudo indica, Pedro passou pela cidade com sua comitiva e a comunidade teve de arcar com hospedagem, viagens etc.

Pensando dessa forma, esses coríntios davam razão ao grupo conservador de Jerusalém que, entre outras coisas, pretendia ter o monopólio do título de apóstolo. Para eles, estas eram as condições ou características de apóstolo:

1. Ter estado com Jesus de Nazaré, tê-lo visto pessoalmente.
2. Ter o direito de fundar comunidades.
3. Ter o direito de ser por elas sustentado.

Paulo sabe disso, não abre mão do título de apóstolo nem do direito de fundar comunidades. E justifica por que evangeliza de graça.

Por acaso não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus nosso Senhor? E vocês não são obra minha no Senhor? Ainda que para outros eu não seja apóstolo, ao menos para vocês eu sou; porque o selo do meu apostolado no Senhor são vocês. Essa é a minha resposta para aqueles que me acusam. Será que não temos direito de comer e beber? Ou não temos direito de levar conosco nas viagens uma mulher cristã, como fazem os outros após-to-los e os irmãos do Senhor, e Pedro? Ou somente eu e Barnabé não temos o direito de ser dispensados de trabalhar? Alguém vai à guerra alguma vez, com seus próprios recursos? Quem é que planta uma vinha, e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho, e não se alimenta do leite do rebanho? Será que estou dizendo isso apenas como considerações humanas? E a Lei, não diz a mesma coisa? De fato, na Lei de Moisés está escrito: “Não amordace o boi que debulha o grão”. Por acaso, é com os bois que Deus se preocupa? Não será por causa de nós que ele

fala assim? Claro que é por causa de nós que isso foi escrito. De fato, aquele que trabalha deve trabalhar com esperança de receber a sua parte. Se se-mea-mos bens espirituais em vocês, será muito colher bens materiais de vocês? Se outros exercem sobre vocês tal direito, por que não o poderíamos nós, e com maior razão? Todavia, não usamos esse direito. Pelo contrário, tudo suportamos para não criar obstáculo ao Evangelho de Cristo. Vocês não sabem: aqueles que desempenham funções sa-gra-das vivem dos rendimentos do templo? E aque-les que servem ao altar têm parte no que é ofe-recido sobre o altar? Da mesma forma, o Se-nhor ordenou que aqueles que anunciam o Evan-gelho vivam do Evangelho. Contudo, não tirei van-ta-gem dos meus direitos. E agora não estou escre-vendo para reclamar coisa alguma. Antes morrer que... Não! Ninguém me tirará esse título de glória. Anunciar o Evangelho não é título de gló-ria para mim; pelo contrário, é uma necessi-dade que me foi imposta. Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!

(1Cor 9,1-16).

5. Qual o lugar do apóstolo?

Na hierarquia dos cargos e funções, o apóstolo ocupa o primeiro posto: “Aqueles que Deus estabeleceu na Igre-ja são, em primeiro lugar, apóstolos...” (1Cor 12,28a). Contudo, Paulo certamente estava a par do que Jesus disse e fez. Suas palavras mais significativas pa-re-cem ser estas: “Afinal, quem é o maior: aquele que está sentado à mesa, ou aquele que está servindo? Não é aquele que está sentado à mesa? Eu, porém, estou no meio de vocês como quem está servindo” (Lc 22,27). E o gesto mais expressivo de Jesus está em Jo 13 (o lava-pés).-

Ciente disso, Paulo faz de sua vocação e missão de apóstolo um serviço semelhante ao de Jesus, fazendo-se servo de todos e ocupan-do o último lugar na escala social:

Pelo que vejo, Deus reservou o último lugar para nós que somos apóstolos, como se estivéssemos condenados à morte, porque nos tornamos espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens! Nós somos loucos por causa de Cristo; e vocês, como são prudentes em Cristo! Nós somos fracos, vocês são fortes! Vocês são bem considerados, nós somos desprezados! Até agora passamos fome, sede, frio e maus tratos; não temos lugar certo para morar; e nos esgo-ta-mos, trabalhando com nossas próprias mãos. So-mos amaldiçoados, e abençoamos; perseguidos, e suportamos; caluniados, e consolamos. Até hoje so-mos considerados como o lixo do mundo, o esterco do universo.

(1Cor 4,9-13)

Loucos, fracos e desprezíveis eram três acusações que as elites de Corinto lançavam contra os pobres e escravos – e aqui Paulo atribui a ele e aos apóstolos. Nessa carta, *louco* é o oposto de *intelectual*, culto, erudito. Paulo despojou-se das prerrogativas do saber. *Fraço* é o oposto de *forte*, não em sentido físico, mas econômico e político. Forte era o endinheirado que influía poli-ticamente na sociedade. *Desprezível* é o contrário de *pres-tigiado*, famoso. Paulo não levou em conta as vantagens que o prestígio social poderia oferecer-lhe. Trabalhador sem comida, sem-teto, sendo amaldiçoado e sofrendo perseguições, põe em prática o que mais tarde recomendará: “Abençoem os que perseguem vocês; aben-çoem e não amaldiçoem” (Rm 12,14).

Conclusão

Muitos aspectos do tema “Paulo, apóstolo por vocação” não foram abordados nesta breve exposição. Isso não significa que devam ser esquecidos. As muitas citações espalhadas ao longo do texto podem ser o ponto de partida para outras reflexões e desenvolvimentos. Quando se fala de Paulo apóstolo fala-se de toda a sua pessoa, compreendendo as viagens, comunidades fundadas, cartas... Para quem deseja continuar a reflexão, sugere-se ler os textos apresentados a seguir.

1. Ocorrências da palavra apóstolo(s) na literatura

Paulina: Rm 1,1; 11,13; 16,7; 1Cor 1,1; 4,9; 9,1.2.5; 12,28.29; 15,7.9; 2Cor 1,1; 11,5.13; 12,11; Gl 1,1.17.19; Ef 1,1; 2,20; 3,5; 4,11; Cl 1,1; 1Tm 1,1; 2,7; 2Tm 1,1.11; Tt 1,1.

2. Textos: Rm 10; 11,13-15; 1Cor 3,5-17; 4,14-17; 2Cor 10-12; Gl 2; Ef 3,1-13; Fl 3,1-14; 1Ts 2.